



Francisco Paixão
Dono de banca

No coração de Fortaleza, um homem que olha para trás e bendiz as escolhas que fez

Um entendedor de gente que não se dá com a solidão. Um boêmio apreciador de cigarro continental e cachaça colonial. O tipo de pessoa que parece estar à vontade em qualquer lugar.

Francisco Ferreira Paixão, o seu Paixão, é o mais antigo dono, em atividade, de banca de jornal da Praça do Ferreira. Mas bem que ele podia ser o dono do Centro de Fortaleza, de tanto que o conhece bem.

Com uma verdadeira memória de elefante, o simpático comerciante me dá a impressão de lembrar-se de cada detalhe dos seus 69 anos. Cita datas, nomes completos, feitos de políticos, lojas e cinemas que não existem mais, linhas de ônibus e nomes de ruas. Estrala os dedos como quem se prepara: ainda tem muita história para contar.

Chapéu branco, óculos de grau, camisa gola polo listrada, bermuda e sandália de couro. À primeira vista me parece um senhor carioca, daqueles que ficam tomando caipirinha em um quiosque no Leblon.

Mas eu nunca fui ao Rio de Janeiro, e Chico Paixão, natural de Baturité, não podia ser mais cearense. Ele gargalha da liseira, do jazigo que já comprou para quando for para sua “última morada”, discute com os amigos sobre o Ferrim e o Leão, mas, acima de tudo, é um sócio-proprietário amante do Vozão.

Chico é um homem de muitos amigos, dos que não se gabam do que tem, mas das amizades que conserva “do maior ao menor”, de Juraci Magalhães, ex-prefeito de Fortaleza, a José Amaro Sobrinho, o falecido

dono de banca de jornal que era conhecido como Bodinho.

Paixão é homem de decisões emocionais para questões financeiras: comprou a banca para atender a um desejo antigo. Mas também é homem de decisões financeiras para questões emocionais: casou-se com a namorada depois de arranjar um emprego em que ele ganharia mais do que ela.

Homem de outra época, como talvez não se faça mais hoje em dia. Homem de palavra que cumpre promessas, que não reclama se os filhos torcem pelo time rival. “Posso fazer nada, democracia, né?”. Um verdadeiro democrata que recusou o convite para ser vereador por não querer ser “mais um safado”, por ser fiel aos amigos da praça, porque não vai mais enriquecer, mas tem o suficiente para viver daqui para frente.

Ele foi testemunha e personagem de outra Fortaleza, vigiada pela Ditadura, de uma Praça do Ferreira tão diferente na configuração, mas tão igual, sempre viva, cheia, pulsante. Tem pena do Centro de hoje, lugar onde ele não pode mais fazer suas farras e andanças noturnas.

Talvez esta entrevista entre para o rol das histórias que Seu Paixão conta, mesmo que aquele tenha sido mais um dia comum para ele, dada sua casualidade.

Ao chegar, cumprimentou a todos e disse que precisava ir ao banco antes de começarmos. Ao sair, disse que precisava ir para sua caminhada diária. Eis um homem prosaico, de vida plena, plana, linear. Do tipo que só se arrepende do que não fez.

Equipe de Produção:

Beatriz Carvalho
Suzana Mesquita

Entrevistadores:

Alexandre Valério
Andressa Gonçalves
Heloísa Vasconcelos
Beatriz Carvalho
Dellano Borges
Fabrício Girão
Ícaro Machado
Ítalo Cosme
Larissa Medeiros
Lorena Fonseca
Sâmia Martins
Suzana Mesquita

Texto de abertura:

Larissa Medeiros

Fotografia:

Felipe Mendes



Entrevista com Francisco Ferreira Paixão em 19 de outubro de 2017

Suzana – Seu Paixão, a gente queria começar falando da sua infância. E a primeira pergunta que a gente queria fazer é sobre o senhor ser muito sociável, conhecer todo mundo, gostar de falar com todo mundo... Quando o senhor era criança, no interior, o senhor já era assim, falante, amigo de todo mundo?

Seu Paixão – Já. Já. O papai era muito comunicativo também. Puxei o lado do papai. A mamãe já era mais reservada, mas o papai já era desenrolado e aí eu acho que puxei o lado dos Paixão. Então, desde o começo, eu comecei a trabalhar muito cedo em Baturité, eu logo comecei a entender de gente, que a mamãe tinha um comércio na feira lá. Eu ia pra feira e ajudava lá e sempre convivi no meio de gente. Eu tenho certeza que não me dou com solidão. Gosto de tá onde tem gente. Eu dispenso tá isolado, eu não sei se eu iria suportar a solidão, não. Eu gosto de estar onde tem gente.

Suzana – Como foi a sua infância em Baturité?

Seu Paixão – Foi uma infância pobre, né, com dificuldades. Papai era operário, papai trabalhava no cinema, operador de cinema, inclusive se aposentou na empresa Cinemar, do São Luiz (atual Cineteatro São Luiz, localizado na Praça do Ferreira), do Severiano Ribeiro. Se vocês não sabem, ele é de Baturité, o dono do Cine São Luiz, Severiano Ribeiro. Então o papai trabalhava no cinema, e a mamãe tinha um comércio no mercado. E aí foi uma infância, como pode dizer, como diz a música do Atila Iório (compositor e cantor de samba brasileiro, acordeonista e repentista da Zona da Mata, chamado “Capitão” Severino), “era feliz e não sabia”. Porque naquele tempo a gente brincava, (mas) pra arranjar o brinquedo a gente tinha que usar a criatividade. Hoje, tudo hoje, só querem “não sei o que” de speed man (hand spinner, brinquedo giratório de metal ou plástico), só querem uma coisa industrializada. Nós, não. Naquela época, a gente tinha que brincar. Era pião, furachão... Então as brincadeiras nossas eram assim. Agora (no sentido de “mas”) as brincadeiras (eram) tudo sadia, sem maldade. Naquele tempo não tinha negócio de droga, e a gente podia andar muito bem à vontade. Inclusive na época, em Baturité, quando eram 10 horas, apagava a luz. Não tinha mais energia. 10

horas até chegar a energia de Paulo Afonso (município do estado da Bahia) em Baturité, era tempo de motor, de gerador. 10 horas apagava, então a gente tinha que recolher cedo. Por exemplo, o cinema começa cedo, mas, quando era lá pras nove horas, todo mundo tinha que se recolher. E estudava no Grupo Escolar Monsenhor Manoel de Cândido (escola localizada no Centro de Baturité, que ainda funciona nos dias atuais), mês passado tive lá. Continua bem cuidado, fica ao lado da Igreja Matriz em Baturité, e foi uma fase boa. Aí, quando nós estávamos já engrossando o cangote, como diz... Quando já estava engrossando a voz, o papai viu que pra nós não tinha muito futuro lá em Baturité. Aí foi até uma confusão danada pra ele convencer mamãe pra vir pra cá, porque a mamãe é dessas... Aí ela só queria saber se fosse de Baturité. Tinha medo da cidade grande. Papai disse: “Tá bom, então você fica e eu vou”. Aí ele veio morar aqui, foi morar com a irmã dele e tal, aí o rapaz do cinema aqui sempre quis que o papai trabalhasse com ele. Aí o papai num instante se empregou. Aí voltou lá e disse: “Vão ou não? Porque eu não volto mais.” Aí meu irmão mais velho, que era mais velho do que eu exatamente nove meses, bem certinho, não deu tempo nem secar e já foi, já fui o segundo. Aí ele disse: “Não, papai, a gente tem que ir”. Aí outra confusão: pra vender a casa, não queria vender a casa. Mas, mesmo assim, ele convenceu e viemos pra Fortaleza. 63. E estamos por aqui até hoje, todo mundo se deu bem aqui. Não deu tempo a gente enriquecer, mas o que temos pra morrer pobre tá bom demais.

Beatriz – E o Carlinhos (amigo de seu Paixão que é frequentador assíduo da Praça do Ferreira, também natural de Baturité), o senhor conheceu lá, em Baturité?

Seu Paixão – Carlinhos é da família nobre lá de Baturité. Carlinhos nasceu em berço de ouro.

Beatriz – E tem outras amizades que o senhor tem até hoje que são de lá, de Baturité?

Seu Paixão – Muitas... Não sei se vocês (se referindo à equipe de produção) viram aqui o pessoal de Baturité na terça-feira. Tem dois médicos, dois irmãos, né. Tem o outro que foi gerente da Pernambucanas (rede varejista fundada inicialmente em Recife)...

Francisco Ferreira Paixão nasceu no dia 10 de abril de 1948, na cidade de Baturité.

A Banca O Paixão fica de frente à Travessa Pará, entre a Banca Nossa Sr.^ª da Conceição e a Banca O Bodinho.

A entrevista foi a segunda realizada e aconteceu no dia 19 de outubro.

Então ainda hoje aqui, em Fortaleza, eu me encontro com mais gente de Baturité do que propriamente em Baturité. Eu chego lá e ando pra todo meio do mundo em Baturité. Porque meu filho (Cláudio), o mais velho, trabalha com elevador, com manutenção de elevador. Aí lá no Colégio Jesuíta (atual Mosteiro dos Jesuítas, localizado na zona rural de Baturité), não sei se vocês conhecem, é um colégio muito bonito, antigo, todo de pedra, era um dos melhores colégios, na época, do Ceará, colégio interno. Então hoje ele serve só como retiro. E lá na escola colocaram um elevador. Aí todo mês meu menino vai, aí eu vou com ele. Eu chego em Baturité, aí eu vou, tenho uma tia que ainda mora lá, 88 anos, eu acho. Morreu uma agora, recentemente, com 102 anos, era a mais velha das mulheres. Tem quatro vivas ainda, irmãs do papai. Aí eu chego lá, mas não conheço

mais ninguém. Fica um estranho em casa. Ainda tem os primos e as primas que a gente vai, conversa tudinho, mas o pessoal do meu tempo, quase todos tão aqui. Quase todos, muito poucos ficaram por lá.

Sâmia – E a convivência com essas pessoas, ela se dá mais na praça ou você também convive com essas amizades em outros lugares?

Seu Paixão – Não, aonde eu chego eu tenho amizade. Onde eu chego... Por exemplo, aqui, na Praça, sempre sabem que eu sou torcedor do Ceará. Tem gente torcedor do Fortaleza, do Ferroviário, e eu me dou bem com todas as torcidas. E todo jogo do Ceará normalmente eu não perco. No estádio nós também temos muitas amizades... Amanhã é dia. Chegar em casa só... Se o Ceará ganhar, eu só chego de manhã. Não tem jeito. Tem uma turma lá que a gente até chama, do Bar do Palmeiras.



A sugestão de entrevistar seu Paixão veio do Fabrício e da Lorena, que tiveram a oportunidade de conhecer o dono da banca no especial multimídia "Donos da Praça", que fizeram no quinto semestre do curso de Jornalismo.

Palmeiras é um rapaz de cabeça branca lá que a gente vai no carro dele. Eu não vou no meu porque eu vou beber. Aí ele vai no carro dele, vai no estacionamento, bota o carro... Eu vou sempre com o coronel Ivan Sérgio, ele vai aqui em casa e me pega e eu vou no carro dele. E lá no estádio a gente já leva lá os banquinhos de plástico, a mesinha, três litros de uísque no mínimo... Uísque, gelo, água mineral e sempre tem um tira-gosto. Aí a gente chega cedo, chega no estádio cinco horas da tarde, o jogo começa oito e meia, a previsão, e já começa... Porque no estádio não entra bebida alcoólica. Aí termina o jogo, a gente volta e bebe mais uns que tem direito. Então todo jogo a gente tá lá, com o doutor Barretinho, juiz, o doutor Castellino [...], o próprio presidente do Ceará (Sporting Club), Evandro Leitão... Então a turma é uma amizade boa, graças a Deus. O que eu fiz aqui foi muita amizade. Boa, boa. O que você imaginar de amizade eu tenho. Do maior ao menor. Então amizade é como coceira de macaco: quanto mais, melhor. Dinheiro, a gente pega e gasta, mas amizade não. Amizade a gente tem que conservar. Não se compra, se conquista. Graças a Deus, eu tenho facilidade em fazer amizade e manter amizade, que é o mais importante. É como um amigo disse: "Difícil não é fazer, difícil é conservar". Pra você ter uma ideia, o pessoal de Fortaleza, o seu Luiz Rolim Filho (ex-diretor e ex-conselheiro do Fortaleza Esporte Clube) era meu amigo, faleceu recentemente, quase esse ano. Seu Jackson Carvalho, que fez o hino do Fortaleza, acho que fez agora 100 anos; Antônio Mecena; José Raimundo Costa, editor do Jornal O Povo; pessoal do Jornal O Povo... Porque, com amizade, não tem preço. Inclusive o próprio Bodinho, né. Eu fui trabalhar com ele, que era torcedor do Fortaleza, o número um, que na época era chamado o líder da torcida. Hoje é torcida organizada. Antes era o líder da torcida. Zé Limeira, que era do Ferroviário; Pacoti (Francisco Nunes Rodrigues, jogou pelo Vasco da Gama na década de 1960), que é de Quixadá, chama ele de Pacoti, jogou no Vasco da Gama, jogou no Sport Lisboa... Tudo, tudo, tudo convive com a gente aqui, na Praça.

Alexandre – O senhor já gostava de esporte desde criança?

Seu Paixão – Rapaz, eu já vim de lá [Baturité], eu já era Ceará. E eu só tinha um sonho antes de chegar aqui, em Fortaleza: era comprar uma ação de sócio-proprietário do Ceará. O único desejo que eu tinha. Não pensava em comprar casa, carro, nada disso. Meu desejo era comprar uma ação de sócio-proprietário do Ceará.

Lorena – O seu pai também torcia pro Ceará?

Seu Paixão – Não, o papai torcia Ferroviário.

Lorena – E de onde surgiu essa paixão?

Seu Paixão – Olhe, não sei. Naquela época, em Baturité, nem televisão tinha na época, a gente ouvia pelo rádio. Aí foi no tempo do Gildo (Gildo Fernandes de Oliveira, ex-jogador do Ceará), aquela época de 63, 61, foi nesse tempo aí, aí começou. E logo também tinha um rapaz, o Celim, era vizinho nosso. Aí todo jogo do Ceará ele ia pra lá, a gente ia pra matriz ficar lá no patamar da igreja com aquele radinho V8, acho que vocês não conheciam, não, né. O rádio Sharp, que tinha aquele tipo japonês, o V8. Aí a gente ia pra matriz e ficava ouvindo lá. Aí surgiu essa paixão pelo Ceará. E aí eu consegui comprar a ação do Ceará. Vou até mostrar pra vocês. Tá aqui, já mostrei pra ela aqui (aponta para Beatriz, da equipe de produção). Inclusive esse cidadão que assinou minha carteira é vivo hoje ainda. É reitor da... Pró-reitor da Santa Casa. O doutor Luís Queiroz. Aqui foi 1971.

Ítalo – Seu Paixão, como era esse momento em que o senhor se reunia pra ouvir o jogo, lá em Baturité?

Seu Paixão – No rádio. Naquele radinho de pilha, que não tinha televisão naquele tempo. Então a gente ficava sentado no patamar da igreja, aí ficava lá até o jogo terminar. Quando terminava, todo mundo ia pra casa, cada qual ia pro seus cantos.

Larissa – O senhor disse que lá não tinha televisão, mas que seu pai trabalhava no cinema. Como era o cinema em Baturité? Você ia assistir, você ia também?

Seu Paixão – Normalmente eu ia com ele, né. Porque ele trabalhava, e eu ia com ele. Era bom (ver) filme de caubói, nesse tempo eu gostava de filme de caubói, Durango Kid (caubói fictício do cinema e dos quadrinhos da década de 1940), esse pessoal todo aí. Aí, quando tinha um filme que agradava, a gente ia. Quando não tinha, ficava em casa mesmo, batendo papo nas praças, nas esquinas, na pra-cinha, mas tinha que recolher cedo. Não podia ficar até depois que a luz apagas-se, não. Tinha que sair mais cedo. Aí foi quando o Virgílio Távora (militar que governou o Ceará de 1963 a 1966; nasceu em 1919 e faleceu em 1988), candidato a governador... Naquele tempo, o governador era convidado, não era eleito, né. O pai do Carlinhos era um homem de posse boa, e o Virgílio, como sempre ia pra serra, ia pra Pacoti, Guaramiranga, e se hospedava na casa do pai do Carlinhos. E prometeu ao pai do Carlinhos, que na época era prefeito

Seu Paixão prontamente aceitou participar da entrevista, antes mesmo que a equipe de produção pudesse terminar de explicar o que era a revista.

Sempre antes de começar todas as entrevistas, seu Paixão sempre avisa que podem perguntar qualquer coisa e que ele não tem nada a esconder.

Ele sugeriu diversas vezes que a entrevista fosse feita na banca, mas, por causa da movimentação e do barulho, decidiu-se fazer em outro local.

“Dinheiro a gente pega e gasta, mas amizade não. Amizade a gente tem que conservar. Não se compra, se conquista”



do Baturité... Disse que, quando trouxesse a energia de Paulo Afonso (cidade baiana que recebeu, na década de 1950, o Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso) pra Fortaleza, a primeira cidade a ser beneficiada seria Baturité. E cumpriu. Quando chegou aqui, puxou a fiação por poste e o pessoal de Pacatuba, Acarape, Redenção, todos achavam que iam ser primeiro. E ele não, ele ligou a chave em Baturité. Foi uma das promessas que ele fez e cumpriu. Inclusive ele dizia: “Pode, pode; não posso, não posso”. Virgílio era ponto e vírgula: prometeu e cumpriu.

Ícaro – Quando vocês [família] mudaram pra cá, veio todo mundo junto. Como foi, onde vocês ficaram exatamente?

Seu Paixão – Todo mundo junto. O papai vendeu a casa e comprou (outra em Fortaleza), já viemos pra cá com toda a bagagem pronta, prontos pra ficar. Chegamos aqui e nos estabelecemos logo. Ainda hoje a mamãe ainda mora aqui, no bairro aqui do Pirambu (na região periférica ao oeste da cidade), que na época era considerado o bairro mais violento da cidade, e aonde as casas eram o preço mais barato daquela época. Aí viemos morar exatamente na Rua Rio Negro, e ele comprou a casa na Rua Rio Negro, paralela à 7 de Setembro. E, coincidentemente, o Bodinho morava na Rua 7 de Setembro. Aí meu irmão foi estudar no colégio que é o Monsenhor Hélio

Campos (localizado na Av. Monsenhor Hélio Campos, no bairro Cristo Redentor), que era o padre Hélio Campos, que na época desse Pirambu violento o padre Hélio Campos era quem dominava lá, no Pirambu, quem dava ordem (Francisco Hélio Campos nasceu em 1912 em Quixeramobim; assumiu a Paróquia do Pirambu em 1958 e, em 1962, esteve à frente da chamada Grande Marcha do Pirambu, que reuniu moradores em direção ao Centro da cidade para reivindicar por acesso à terra e melhores condições de moradia; faleceu em 1975). E até hoje eu não me conformo como é que se inaugura um Cuca na Barra do Ceará, aí podendo colocar o nome do padre Hélio Campos, monsenhor Hélio Campos, se dá o nome de (Ernesto) Che Guevara (médico e guerrilheiro argentino-cubano que, junto com Fidel Castro, liderou a Revolução Cubana em 1953; nasceu em 1928 e faleceu em 1967). Até hoje não me conformo. O doutor Iraguassu (Teixeira, do PDT), que é muito amigo nosso também aqui, vereador (de Fortaleza) por sete mandatos, acho que foi, hoje é o filho dele (Iraguassu Filho, do PDT) que tá (na Câmara dos Vereadores de Fortaleza)... Aí eu disse: “Doutor, faça qualquer coisa pra mudar esse nome, ou pra Monsenhor Hélio Campos, ou pra Padre Hélio Campos, qualquer pessoa que fez algo pelo Pirambu, não Che Guevara”.

A entrevista aconteceu no auditório da Secult, que tem uma de suas janelas com vista para o Hotel Excelsior, na Praça do Ferreira.

Eu me pergunto o que o Che Guevara fez pelo Ceará, ou por Fortaleza, pra merecer homenagem. Eu não vi.

Ícaro – Mas você chegou a conhecer alguma dessas pessoas que você acha que deveria ser nome?

Seu Paixão – Padre Hélio Campos, que morreu como monsenhor, né... Que foi o homem que realmente coordenou o Pirambu. Inclusive aquelas casas, como é que se diz, como se fossem invadidas. E aquilo era da Marinha, que você sabe que, onde o mar quebra, 200 metros pra frente é da Marinha. E ele conseguiu dar documento a todo mundo. Todo mundo com documento lá de proprietário, de posse. Isso o padre Hélio Campos fez. Então acho que não é justo homenagem se não fosse o nome dele. E o Iraguassu terminou o mandato dele e... Porque ele diz que é muito difícil e não sei o que, e não conseguiu. Mas acho que, um dia, eu vou continuar pedindo, pode ser que apareça alguém que queira mudar esse quadro. E ainda hoje a mamãe ainda mora no Pirambu. Pirambu hoje é um bairro muito bom. Perto, central... Agora tem essa violência da droga, mas tá em todo canto, ninguém pode dizer onde é que tá e onde é que não tá. Quer dizer, então, é uma coisa que tem que conviver. Como é o caso aqui, da Praça do Ferreira. Praça do Ferreira aqui de noite, se vocês virem aqui de noite, vocês veem a situação, é muito complicado. Mas algum dia eu acho que vai mudar isso aí.

Beatriz – E o senhor viveu muito tempo lá, no Pirambu, não foi?

Seu Paixão – Olha, lá, no Pirambu, é como eu digo, até hoje a mamãe tá lá, então toda vida eu tô. Então eu moro aqui hoje, na Praça do Liceu (no bairro Jacarecanga, vizinho ao Centro), nessa rua aqui, (Rua) Francisco Sá com (Rua) Filomeno Gomes, onde era a casa do seu Chico Philomeno Gomes, o dono da Jacarecanga na época, né. Derrubaram, fizeram um edifício eu hoje eu moro lá, no sexto andar. E daqui lá pra casa, dá o quê? Doze quarteirões. Fica bem na Praça do Liceu mesmo.



Durante a pré-entrevista, feita na banca por Beatriz e Suzana, a conversa foi interrompida diversas vezes por amigos e clientes que passavam e trocavam uma palavrinha com seu Paixão.

“O que você imaginar de amizade eu tenho. Do maior ao menor”

No dia da pré-entrevista, a equipe de produção também entrevistou Carlinhos, amigo de longa data e frequentador assíduo da banca.

Seu Carlinhos diz que a banca é seu escritório e que, quando ele diz aos filhos que está no escritório, eles já sabem onde é.

Beatriz – Mas aí, seu Paixão, eu queria saber quais as maiores mudanças que o senhor viu no Pirambu enquanto morava lá.

Suzana – Porque o senhor chegou a pegar a reforma da (Avenida) Leste-Oeste (avenida litorânea construída na década de 1970 para escoar a produção das fábricas do bairro Jacarecanga, ao oeste, para o Porto do Mucuripe, ao leste; hoje nomeada como Avenida Presidente Castelo Branco).

Beatriz – Exatamente.

Seu Paixão – Exatamente. Que a reforma da Leste-Oeste pegou exatamente as nossas casas [...]. Quando a Leste-Oeste abriu, pegou exatamente a Rio Negro, Santa Terezinha, ela cortou tudo. Aí foi quando o papai foi indenizado, aí ele comprou essa casa lá na Rua Dom Quintino, que antigamente era Largo dos Santos [...]. Ainda hoje tem as casas que ele comprou, construiu duas casas lá. Uma mora o meu irmão mais velho e a outra mora a minha irmã com a mamãe. As casas continuam lá. E até disse pro meu cunhado... Outro dia eles tavam querendo vender, aí eu disse: “Enquanto a mamãe for viva, não vende [as casas]”. Aí, depois que a mamãe morrer, você faça o que você quiser, mas (por) enquanto não; pode morar aí à vontade, mas vender não. E o Pirambu hoje é um bairro bom. Hoje eu chego lá, deixo meu carro aberto, bebo com os meninos lá, chega um de vez em quando e diz: “Ô, Chico — que me chamam de Chico —, tô sem dinheiro, dá pra pagar uma cachacinha?”. E eu digo: “Dá”. E eu faço amizade com os meninos, com o pessoal. Tem uma história muito curiosa... Nesse tempo eu não tinha carro, trabalhava com o Bodinho e fui pra um jogo do Ceará e Ferroviário. Logo quando o Castelão inaugurou, não tinha ônibus direto. Aí fui andando [...]. Peguei ônibus lá do (Estádio) Castelão (no bairro Passaré) pro (Theatro) José de Alencar (no Centro). Peguei outro pra (Avenida) Francisco Sá, ali, na Barra do Ceará; o primeiro que passou eu peguei. Parou ali, na Rua Álvaro de Alencar. A gente ia dali até a Leste-Oeste. Aí era bem uma hora da madrugada. Vinham seis pessoas, eram seis pessoas, aí vieram ao encontro de mim. Aí, quando chegaram, um me reconheceu. Aí disse: “Chico, de onde é que tu vem uma hora dessa, rapaz?”. “Rapaz, eu venho do jogo”. “Como foi o jogo?”. “Ceará ganhou de três a um”. “Foi mesmo?”. “Foi, mas agora eu vou pra casa”. “Pois bora, vou deixar você em casa”. Os seis. Aí saímos. Quando eu chego já perto da Leste-Oeste, tinha um barzinho aberto. Aí tinha um pessoal bebendo lá, estavam ouvindo o jogo, os comentários, aí um gritou: “Isso aí é tudo ladrão e maconheiro”. Aí tinha

Seu Carlinhos diz que seu Paixão é sempre muito tranquilo. “Ele só perde tempo para falar do Ceará”, complementa.

o João, guarda, hoje ele é subtenente da polícia. Seu João disse: “Não, aquele ali é o Chico do seu Paulo”. Resultado: foram me deixar em casa. Aí cheguei em casa e perguntei: “E aí, pessoal, o que tá faltando aqui?”. Aí eles: “Só uma cachacinha”. Aí duas casas do lado da mamãe tinha uma mercearia do seu Esteves. Comprei um maço de cigarro e um litro de cachaça Colonial e disse: “Tá aqui, negada”. Aí eles disseram: “Pois vamo deixar você na sua casa. Quando você entrar em casa, a gente vai embora”. Aí bati na porta, e o papai atendeu. Foram me deixar na porta de casa. Quer dizer, se fosse outra pessoa, talvez... Se fosse hoje, não sei... Então são coisas que a gente consegue com as amizades. Ainda hoje daquele pessoal que foi me buscar não tem nenhum vivo mais. Porque eu sempre digo lá pros meus sobrinhos, eu digo: “Olha, pessoal, se você entrar pelo lado da droga, só tem dois caminhos: cadeia ou cemitério”. Não tem outra opção. Eu não conheço. Já fiz 69, tô partindo pros 70 já, não conheço ladrão desse tipo aposentado, não.

Fabício – Seu Paixão, quando o senhor chegou a Fortaleza, como foram os primeiros meses? Fortaleza era muito diferente de Baturité?

Seu Paixão – Rapaz, totalmente diferente. Totalmente diferente. Pra eu aprender a andar aqui, em Fortaleza, foi o seguinte: eu saía pra pegar o ônibus no Pirambu, lá na (Rua) 7 de Setembro, aqueles ônibus que tinham aquele motorzão na frente [...] e a sinaleira (solicitando parada) era um chocalho. A gente puxava, aí batia com o chocalho [...]. Hoje não, hoje é tudo eletrônico. Aí o ônibus ia de lá da (Rua) 7 de Setembro, pegava a (Rua) 25 de Março, (Avenida) Francisco Sá, entrava ali na (Rua) Liberato Barroso, parava no [Theatro] José de Alencar. Praia de Iracema/José de Alencar. Aí pegava a [Rua] Guilherme Rocha. Aí eu descia — pra aprender a andar, né — na (Praça) José de Alencar e descia na (Rua) Guilherme Rocha. Aí lia o nome “Guilherme Rocha”. Bom, por aqui eu sei que eu volto. Aí eu voltava. Eu ia olhando as vitrines, naquela época olhava a vitrine da Cruzeiro (loja A Cruzeiro, localizada na Rua Guilherme Rocha; vendia confecções masculinas), Alcapana (loja de confecção), as lojas todas, Esquisita (Calçados), Belém, essas sapatarias e de roupas bem antigas. Aí vinha até a Praça do Ferreira, tinha o Abrigo (Central, construído na Praça do Ferreira em 1949 para abrigar paradas de ônibus e pontos comerciais). Eu acho que vocês nem conheceram o Abrigo, não, que derrubaram o Abrigo em 67 (risos de todos). No Abrigo tinha bananada (vitamina de banana). Aí ia às

vezes pro Abrigo merendar bananada, o copão era deste tamanho (faz o tamanho com as mãos), com pão doce. Era um sucesso o pão doce com a bananada. Aí via os cartazes de cinema, do Cine São Luiz (na Praça do Ferreira), Cine Diogo (localizado na época na Rua Barão do Rio Branco, nº 1006), Majestic (Cine Majestic, localizado na Praça do Ferreira, com uma entrada lateral pela Rua Barão do Rio Branco), mas bom mesmo era o São Luiz e o Cine Diogo. Aí, quando era antes de dez horas, tinha que voltar. Isso fim de semana, que dia de semana a gente estudava e não vinha. Isso foi o começo. Aí foi quando eu conheci o Bodinho e o filho dele disse: "O papai tá precisando de uma pessoa pra trabalhar com ele, quer ir não?". Aí eu disse: "Rapaz, eu vou". Não, não, tô pulando uma coisa. O meu irmão foi quem ele chamou, o mais velho, aí ele disse... Que chamam ele de Zé Amaro, o Bodinho, José Amaro Sobrinho... Aí ele [irmão de Paixão] disse que ia seguir o Tiro de Guerra, que (era como) chamava lá em Baturité o Exército. Mas vou indicar meu irmão. Aí ele me chamou e eu fui trabalhar com o Bodinho exatamente em 1963. Foi depois que nós chegamos aqui. Aí eu aprendi o caminho, pegava a (Rua) Guilherme Rocha aqui, chegava no Abrigo (Central), que a banca era no Abrigo. Aí, quando eu saía, ia pela Guilherme Rocha, pela Liberato Barroso. Ficava sempre nesse circuito aqui. Aí, com o tempo, eu comecei a ir desarnando (se habituando). Fui pro Presidente Vargas (estádio de futebol localizado no bairro Benfica), ia aqui pela (Rua) Senador Pompeu, voltava pela Marechal Deodoro, sempre por aquele caminho, a gente ia e voltava, pra não se perder. Aí fui indo, fui indo, fui indo, aí depois comecei a dominar.

Sâmia – O senhor falou do seu amigo Bodinho, e bateu uma curiosidade aqui entre a gente: qual a origem desse apelido? (A primeira pergunta feita a Bodinho quando ele foi entrevistado para a 10ª edição da Revista Entrevista, em 1999, foi justamente sobre a origem de seu apelido; na resposta, ele afirma ter recebido tal alcunha do advogado Antônio Alves, conterrâneo seu de Senador Pompeu, a quem ele teria feito muita raiva).

Seu Paixão – Olha, a origem do apelido dele é que ele era para aquele lado de Crateús, então diziam que, quando ele era menino, só andava correndo, pulando. Aí botaram o apelido dele de Bodinho (risos gerais). E aí o nome dele mesmo é José Amaro Sobrinho, mas, se chamar por José Amaro Sobrinho, pouca gente sabe quem é. É o Bodinho. E ele foi uma pessoa, pra minha vida, muito importante. Porque foi através

dele que eu fiz as amizades que eu tenho hoje. Até na época, quando eu saí, nem INSS eu pagava. Porque o que eu deixei de ganhar de dinheiro eu ganhei nas amizades. E eu tô aposentado hoje.

Alexandre – Como foi o dia em que o senhor conheceu o Bodinho pessoalmente, quando começou a trabalhar com ele?

Seu Paixão – Foi no final de outubro ou foi começo de novembro.

Alexandre – Mas como é que foi?

Seu Paixão – Meu irmão que me trouxe, me apresentou a ele. Ele não quis (trabalhar com o Bodinho) porque ia pro Exército. Aí trabalhei com ele até 72. Foram dez anos trabalhando com ele, eu acho. Dez anos.

Lorena – E como era a rotina na banca dele?

Seu Paixão – Olha, era totalmente diferente da de hoje. Cinco horas, seis horas da manhã, ele abria a banca. Aí já passava pelo jornal Correio do Ceará (jornal tradicional fundado em 1915 por Álvaro da Cunha Mendes, passando a integrar os Diários Associados em 1937), que era aqui onde era o Shopping Central (localizado na Rua



Quando pedimos a seu Paixão para entrevistarmos sua esposa, Maria Dalva, ele disse que ela nunca dava entrevista porque não gostava.

Apesar disso, a equipe de produção descobriu que ela vai com o marido para a banca todas as sextas-feiras. Suzana então apareceu "de surpresa" no dia e conseguiu entrevistá-la.

Antes de começar a entrevista, Beatriz e Suzana foram buscar seu Paixão na banca. No curto caminho até o prédio da Secult, Paixão foi parado algumas vezes por conhecidos de Praça, sendo inclusive anunciado em um carro de som.



“Tudo vinha pro Centro. Cinco horas da manhã, procuravam (mas) já não tinha jornal. (...) Tudo o que você podia imaginar era no Centro. Hoje não, hoje todo bairro tem vida própria”

Senador Pompeu, 856). Ele ia ali na (Rua) Major Facundo, ali perto do Passeio Público (mais antiga praça da cidade de Fortaleza, também conhecida como Praça dos Mártires), era a Gazeta de Notícias (fundada pelo jornalista Antônio Drumont em 1927). Aí ele pegava o Correio do Ceará e a Gazeta de Notícias e vinha abrir a banca. Eu chegava mais ou menos oito horas. Aí ia pra distribuidora, eram duas distribuidoras, a Deso e a Alaô. A Deso era na General Sampaio, e a Alaô era aqui, na (Rua) Floriano Peixoto. Aí tinha que pegar as revistas, tinha que ir eu ou ele. À tarde, a partir de uma hora, saía o Jornal O Povo, que era ali onde é hoje a (loja) Insinuante (Rua Senador Pompeu, 1082), né? Era a Mesbla, aí agora é Insinuante. Na Senador Pompeu?

Todos – Não sei... (risos).

Seu Paixão – Depois da (Rua) Liberato Barroso, aqui, não tem a Insinuante? Que vende móveis... Insinuante, Insinuante. Pronto. Então a gente vinha lá com 300 jornais na cabeça. Trezentos. Todo dia levava o

jornal. É por isso que eu não cresci muito, era peso demais (risos gerais).

Sâmia – De uma vez só?

Seu Paixão – Era, dava umas duas ou três viagens.

Beatriz – E vendia tudo?

Seu Paixão – Vendia todos os jornais. Última hora, do Rio de Janeiro, chegava meia-noite, uma hora da madrugada, mil e duzentos jornais. Última Hora chegando, só Última Hora. Correio da Manhã (periódico brasileiro, publicado no Rio de Janeiro de 1901 a 1974), Diário de Notícias (jornal carioca que circulou de 1930 a 1970), Jornal do Esporte... Tudo vinha pro Centro. Cinco horas da manhã, procuravam (mas) já não tinha jornal. Tudo era no Centro nessa época. Tudo o que você podia imaginar era no Centro. Hoje não, hoje todo bairro tem vida própria. Essa semana, em dez dias, vendi um jornal O Povo, um jornal de segunda-feira, que antigamente a gente vendia todo dia. Quer dizer, era um tempo muito bom. Era totalmente diferente do tempo de hoje.

Ao chegar à Secult, Paixão avisou que precisaria sair mais cedo para pagar uma conta. O professor Robson sugeriu que ele pagasse a conta antes de começar a entrevista.

Fabrizio – E, além de ter o Abrigo, o que também era diferente na Praça na época?

Seu Paixão – A Praça. A própria Praça. A Praça não era essa praça... Eu mostrei a foto para as meninas aí (da equipe de produção), que eu tenho a foto antiga, que tinha o Abrigo, tinha a Coluna da Hora (relógio localizado no centro da Praça do Ferreira) ali, que nessa época... Essa aí é de ferro, ela era de alvenaria mesmo. Essa rua aqui era aberta direto, (Rua) Major Facundo, com carro passando, e descia lá pra (Rua) Floriano Peixoto, onde tinha os postos de táxi. Tinha o Posto São Luiz, o Posto Vitória, o Posto Pará [...]. Com aqueles carros bonitos, Simca, Aeroilis, aqueles carrões, aqueles Bel Air, rabo de peixe, era só carro bacana. E aí, o José Walter Cavalcante (nascido em Capistrano, em 1927), em 1967, foi eleito prefeito [de Fortaleza], eleito na época da ditadura [...], ainda hoje é vivo, ele, deve estar com noventa e tantos anos, eu acho. A única coisa boa que ele fez foi aquele Conjunto Zé Walter, eu acho.

Fabrizio – Amém (Fabrizio é morador do bairro José Walter; todos riram).

Seu Paixão – Que ninguém queria ir. [...] Aí ele mandou, ele viu na Alemanha uma praça muito bonita lá, com uns jardins suspensos e tudo, aí ele foi, resolveu derrubar a Praça, o Abrigo, inclusive resolveu derrubar o Abrigo porque disse que o Abrigo estava pra cair. Esse foi outro motivo dele. Botaram dinamite pra poder derrubar. Ainda hoje o piso do Abrigo tá coberto. Porque é aquele concreto inglês, que o cara mete picareta, machado, tudo, e não sai do canto. Até hoje o piso do Abrigo tá enterrado. E ele fez essa praça. Se fosse hoje, ninguém passava pro outro lado sem ser assaltado. Porque no jardim suspenso você não via quem estava do outro lado. Agora tem um contraste, porque ele descobriu esse cacimbão. Esse cacimbão era coberto [...]. E aí ele fez aquela arrumação toda. Aí o Juraci (Juraci Magalhães, médico e político que nasceu em 1931 e faleceu em 2009) — que foi vice-prefeito do Ciro (Ferreira Gomes) na época, quando o Ciro saiu pra virar deputado e ele assumiu — disse que, se fosse reeleito, ele devolveria a Praça do Ferreira como era antes. Porque o Juraci era frequentador da Praça do Ferreira. Ela dava expediente ali no...

Larissa – INSS (Instituto Nacional do Seguro Social, na Rua Pedro Pereira, 383).

Seu Paixão – INSS. Antigamente era outro nome o INSS, né? (O INSS foi criado em 1990 a partir da fusão do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS com o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS). Ele (Juraci) dava expediente lá, aí vinha bater papo todo dia aqui, na Praça do Ferreira. Todo sábado ele vinha pra Praça do Ferreira. Perguntava como tava, o que tava faltando. Todo sábado, ele tinha o maior cuidado com a Praça do Ferreira. Aí o Juraci derrubou o que o Zé Walter fez e fez isso que está aí, que é parecido com o que era antes. Não é igual, mas melhorou 100% do que era antes. Então essa Praça foi por causa do Juraci. Aí ele deixou o Cacimbão (cova aberta para receber água acumulada, localizada no meio da Praça do Ferreira, onde hoje se situa a fonte) descoberto e fez essa fonte aí. Que hoje não pode usar essa fonte porque o pessoal toma banho, lava roupa... Aí o pessoal (guardas municipais) vai querer brigar, e eles querem matar os guardas.

Lorena – E o que o senhor pensou na época que o Abrigo Central foi demolido?

Seu Paixão – Bom, naquela época tudo aqui (no entorno da Praça) funcionava. O São Luiz tinha até a última sessão, que era nove horas da noite, que terminava 11 horas da noite, era a última sessão. Dia de sábado e domingo tinha matinê, né, pela manhã. E tinha à tarde e à noite. O São Luiz funcionava os três turnos. Esse hotel aqui, Excelsior (primeiro arranha-céu de Fortaleza, construído em 1932), funcionava 100%. Savannah Hotel (atual Faculdade Joaquim Nabuco, localizada na Travessa Pará), funcionava 100%. O Edifício Sul América (edifício vizinho ao Cineteatro São Luiz), escritório de advogados, melhores advogados do Ceará, era aqui no Sul América, funcionava 100%. Inclusive no Sul América era fila de advogado, de clientes. O próprio Cine São Luiz, o edifício São Luiz, funcionava inclusive um Banco do Nordeste. Todo o Centro funcionava. Aí quando tiraram o Fórum do Centro então começou a esvaziar o Centro. E tem um projeto aí que tá com 10 anos que falam ou mais que vão revitalizar o Centro mas eu não vejo melhoria quase nada, muito pouco.

Seu Paixão então deixou a Secult e voltou cerca de meia hora depois para a entrevista com a conta paga.

“A nossa banca é um ponto de referência para o (time do) Ceará. Isso em troca de nada, só pelo amor que eu tenho pelo Ceará”

Antes de sair para pagar a conta, seu Paixão disse que não ia fugir, ao que Beatriz respondeu que, se ele fugisse, ela iria atrás dele.

Depois da entrevista, parte da turma foi ao Leão do Sul comer um pastel com caldo de cana.

“Eu sempre dou sorte para as coisas que eu faço, eu não gosto de pessimismo, eu tenho esse otimismo. Eu sou sortudo, graças a Deus”

Ítalo – Seu Paixão, e como foi essa... O senhor teve mais algum contato com o Juraci Magalhães?

Seu Paixão – Tive, várias e várias vezes. Pessoalmente, ele passava dia de sábado nas bancas e perguntava o que tava faltando, como que tava a Praça, todo sábado ele vinha e conversava com a gente. Ele era um homem muito simples, simples, comunicativo... Pra mim uma decepção muito grande foi quando ele foi deputado federal e ele perdeu por 10 mil votos.

Larissa – Mas o senhor teve contato com ele antes de ele entrar pra política, é isso?

Seu Paixão – Não. Quando ele era médico, ele era cliente da banca e comprava jornal. Normalmente ele comprava muito... Ele gostava de ler o Jornal do Brasil (tradicional jornal publicado diariamente na cidade



Bodinho, dono da primeira banca na qual seu Paixão trabalhou, foi entrevistado pela Revista Entrevista em 1999.

do Rio de Janeiro). Quando ele saía do consultório dele, aqui onde é o INSS hoje, ele vinha pelo Abrigo Central e aí ele comprava o jornal dele lá. Aí depois, como prefeito, ele continuou visitando a gente. Outro ex-prefeito que nunca deixou de vir pro Centro, mesmo depois que deixou a prefeitura, foi o doutor Evandro Ayres de Moura (prefeito de Fortaleza de 1975 a 1978). Esse vinha todo santo dia. Quando ele deixou de ser deputado, ele era do Banco do Brasil, foi presidente do Bank, foi prefeito e foi deputado. Toda tarde, toda tarde, ele vinha com o motorista dele e deixava ele aqui, na banca. Vinha sentar nos bancos em frente aqui, à Riachuelo (loja de roupas localizada na Praça, vizinha à Farmácia Avenida), aí comprava o pãozinho dele, aí o motorista vinha buscar ele umas cinco, seis horas, e ele dizia: “Eu venho pra Praça porque eu gosto da Praça.”

Alexandre – Aí nesse tempo em que o senhor andava, voltando pra esse tempo do Abrigo Central, o senhor conheceu uma pessoa especial nessa época que foi sua primeira esposa (Maria Eunice).

Seu Paixão – Exatamente. Ela era minha vizinha, era frente com frente. Aí eu conheci ela e começamos a namorar, namorar, namorar, não chegamos a casar, falando a verdade. Nosso relacionamento foi tudo de bom e desse relacionamento nós tivemos três filhos. É o Luis Cláudio, esse rapaz que conserta elevador; a Cláudia, que inclusive está se operando agora, porque teve um problema no dente, houve uma rejeição e ela teve que se operar hoje. Ela disse que ligava pra mim, mas, chegar em casa, eu vou ligar pra ela. E tem o Marcos, que mora em São Paulo. E criamos mais uma, a Liene. Essa não é nossa filha legítima, mas foi registrada como filha legítima. Então eu considero ela legítima. Ela mora hoje aqui, na Parquelândia. E o Cláudio é casado e mora ali também, na Parquelândia. E a Cláudia, solteira, ela mora com a mãe dela. Então nós tivemos três filhos, quatro. Vivemos um bom tempo e depois eu assumo que foi culpa minha, começou a desavença e aí não deu mais certo, mas nós ficamos bons amigos. Aí eu voltei pra casa da mamãe. E tem aquele ditado: “Feliz do filho que volta pra casa do pai”, né? Voltei pra casa do papai e da mamãe. Foi depois que eu vim conhecer essa esposa de hoje (Maria Dalva). Nos anos 82, 83. Aí nós tínhamos umas amigas, saíamos pra jogar futebol de salão, aí uma vez a gente tava voltando, vínhamos a pé, aí fomos tomar sorvete lá no Passeio Público, na esquina do Passeio Público. Aí ela veio do ônibus lá da Coelce com a colega dela, também de Juazeiro. Aí elas desceram e foram lá. Aí eu tava com um amigo meu, o nome dele era Roquinho. Aí ele

disse: “Olha aquelas duas ali, dando sopa, vamos lá, chamar elas pra tomar uma cervejinha aqui?”. Aí fomos, começamos se apresentando, aí minha esposa disse: “Não, não bebo, não, mas minha amiga aqui, a Adelaide, bebe”. Aí começamos a conversar, ela morava com a Adelaide Lima na (Rua) Liberato Barroso, numa kitnet ali, bem antes do Liceu. Eu disse que morava pro lado de lá também, aí continuamos a conversar. Aí eu disse que meu aniversário era em abril. Aí, quando foi no meu aniversário, nessa época eu tava trabalhando na Sodine (loja de papeleria na Rua Floriano Peixoto), não tava mais trabalhando com o Bodinho, era na Sodine. Aí ela me ligou me dando os parabéns e tal, “depois eu apareço aí” e tudo. Aí nesse “apareço, apareço”, eu fui pra Niasi (Niasi Professional atua no segmento de beleza, sendo uma das primeiras marcas nacionais do segmento profissional e fundadora da primeira escola de cabeleireiros do Brasil) e começamos a nos falar normalmente e nos aproximamos e estamos juntos até hoje. E casamos em 84, que eu não era casado, né. Aí eu falei pra ela: “Minha situação é essa”. Aí ela foi e disse: “Bom, então minha situação é essa”. Ela veio de Juazeiro [do Norte, cidade na região do Cariri, no sul do Ceará], veio com a irmã dela, e ela tem... O pai dela teve duas famílias. Do primeiro casamento, teve a Marta e ela. Aí a mãe dela morreu, chegou praticamente a nem conhecer a mãe dela. Ela era muito nova quando a mãe dela morreu. Aí seu Eliseu se casou, que a gente chama ela até de “madrinha”. Casou com a Madrinha. E desse casamento tiveram cinco filhos. Então são sete. Então ela foi... Dona Marta era casada com um rapaz. Aí lá de Juazeiro ele foi pro Acre, pra Rio Branco. Aí ele foi e simplesmente desapareceu. Aí o Zé Afonso, que foi diretor do Bank, convidou ela pra trabalhar pelo Bank. E trouxe a dona Marta e dois meninos, o Fernando e a Fernanda. E a menina, a Fernanda, ela é especial. E morava lá. Aí ela foi e disse: “Olha, minha família é essa aqui”. Então não tem problema. Então vamos casar. Ela disse: “Você quer ter filhos?”. Eu disse: “Não, já tenho quatro, e tu já cuida dos dois, não adianta ter filho, não”. Aí ela fez ligação... Ela teve que fazer uma cirurgia, coisa de mulher, coisa no ovário, aí aproveitou e fez a ligação. E a Fernanda faleceu, a dona Marta faleceu, acho que tá com uns cinco, seis anos. Aí depois a Fernanda morreu ano passado. E o Fernando terminou Engenharia, casou com uma engenheira. E somos todos amigos, sempre que eu vou em Juazeiro vou na casa dos irmãos dela, e estamos até hoje aí. Ela tá me aguentando há mais de 30 anos já.

Apesar da explicação dada por seu Paixão sobre a origem do apelido de Bodinho, o próprio Bodinho apresentou outra versão em 1999, durante a entrevista que concedeu para esta mesma revista.

Segundo o próprio Bodinho, o apelido lhe foi atribuído quando ainda era um menino por um advogado que chamou-lhe “bode” por raiva dele.



**“A banca? Significa
tudo, tudo. Só
saio daí agora
quando for para o
(cemitério) Jardim
Metropolitano”**

Seu Paixão possui uma forma quase humorística de contar suas histórias, o que fez com que a entrevista fosse bastante descontraída.

Heloísa – E por que o senhor não se casou com a primeira mulher e casou com a segunda?

Seu Paixão – Olhe, eu não sei nem dizer porquê, porque foi dando certo, foi dando certo e aí fomos ficando e não... Ninguém nem cogitou em casar.

Sâmia – Vocês casaram depois de quanto tempo de namoro?

Seu Paixão – Ah, foi logo. Eu conheci ela mais ou menos em 82, 83, em 84 nós casamos. Foi rápido, não demorou, não.

Ítalo – Mas foi com a primeira mulher que o senhor comprou a banca, né?

Seu Paixão – Não, (quando eu estava com) a primeira mulher, eu trabalhava com o Bodinho.

Ítalo – Foi com a segunda.

Seu Paixão – É, aí o negócio foi bem mais ligeiro. Eu trabalhei com o Bodinho até 72, mais ou menos, trabalhei com o Bodinho. Aí eu saí, disse que não ia mais. Eu fui, não quis mais trabalhar, fiquei... Foi em 71, uma coisa assim. Em 71, aí eu ganhei um carro, aí eu pensei que tava rico. Eu ganhei o carro no sorteio do Tele Sorte Ceará.

Beatriz – (risos). E qual era o carro, seu Paixão?

Seu Paixão – Um Opala, na época era carro top.

Beatriz – É mesmo (risos).

Seu Paixão – Mas só que eu não sabia dirigir nem nada. Aí peguei e vendi o carro, até pra um torcedor do Fortaleza, Delzimar Cavalcante, que tinha uma agência de carro. Vendi por 19 milhões de cruzeiros, era dinheiro que nem prestava. Inclusive eu deixei de comprar várias casas, queria negócio de casa não. Achava que dinheiro não acabava nunca, aí comecei a gastar, a farrear. Quando foi com um mês, eu não tinha mais nada (risos gerais). Ainda bem que ficou as casas, ficaram só as casas. Ainda hoje ainda tenho as casas, e aí eu ainda fui pro Pará, inventei negócio de confecção, mas não deu certo, não. Voltei. Aí tinha um cara da Sodine, seu Erasmo, aí disse: “Chico, bora trabalhar comigo”. Aí fui trabalhar na Sodine. Trabalhei em 80, 81, por aí. Não, mas a história do carro. Tinha um amigo meu que trabalhava no Mercado, aí ele comprou o carnê e eu comprei o carnê. Aí ele disse “Chico, vamos fazer o seguinte, vamos livrar. Quem ganhar o carro dá um milhão pro outro, tá certo? Se eu ganhar, eu lhe dou um milhão; se você ganhar, você me dá um milhão, tá bom?”. Aí eu disse “tá bom”, só na palavra. Aí no terceiro mês eu ganhei. Aí ficou aquele pessoal que dá corda, né. Não tem um pessoal que dá corda? Diziam: “Chico, e aquele negócio que tu fez com o

Chiclete?”. Que chamavam ele de Chiclete. “Que negócio?”. “Que tu vai dar um milhão, tu tá doido, macho? Assinou alguma coisa?”. “Não, só na palavra”. “Rapaz, eu não dava, não”. “Mas eu dou”. E assim eu fiz. Quando eu vendi o carro, ele trabalhava no Mercado, Mercado aqui, Central. Ele tinha uma banca de fruta e verdura. Aí, quando ele veio, eu disse: “E aí, Chiclete, vamo ali no banco depositar o teu dinheiro?”. Aí ele disse: “Vamos”. E nós fomos direto naquele banco ali, onde hoje é a farmácia, era o Banco Sul América, tinha conta lá, em 71. Aí cheguei pro (gerente) Adahil e disse que queria sacar um milhão. Ele disse: “Um milhão? Pra que tu quer tanto dinheiro? Vai botar esse um milhão no bolso?”. Porque na época um milhão era muito dinheiro.

Beatriz – Qual a moeda?

Seu Paixão – Cruzeiro. Era um milhão, eu nem contei. Disse: “Pronto, o dinheiro é seu”. Ele disse: “Você vai me dar mesmo?”. “Não era esse o acordo que nós fizemos?”. “Pois eu tinha certeza que o senhor não ia me dar”. “E eu tinha certeza que ia lhe dar”. Aí mudou a amizade. Aí passou, passou, passou, esse rapaz sumiu, desapareceu. A Sodine fechou, e eu fui trabalhar na (gráfica) Minerva, bem aqui, na Barão do Rio Branco, trabalhei lá. Quatro meses lá. Eu chegava cedo, abria 7:30, 7:30 eu tava lá na calçada. Aí um belo dia, bem uns quatro ou cinco anos, 70, 71, acho que foi em 84, foi em dezembro de 83 mais ou menos. Eu tô lá na calçada batendo papo com um menino aí para um carro. O cara botou o braço pra fora e perguntou o que eu tava fazendo aí. Aí eu disse “E aí, Chiclete. Tô trabalhando aqui na gráfica aqui da Minerva”. Aí ele disse “rapaz, tu é doido, macho”? Aí ele botou a mão no bolso, tirou o cartãozinho e disse: “Olha, faça o seguinte...”, isso foi um dia de quinta ou sexta-feira, “... quando for na segunda-feira, vá nesse endereço aí e me procure”. Era lá na (Rua) José Avelino, número quatro, eu acho. “Vá lá, me procure pela manhã, eu tô lá até dez horas”. Aí nem me toquei de nada, de nada. Quando cheguei lá, acho que era Comercial S/A, produtos da Niasi, que na época era distribuidora. Eu disse que queria falar com ele e disseram: “Ah, rapaz, esse é o Coelho, o supervisor”. Eu pensei: “Rapaz, o homem já é supervisor, o homem sabia nem fazer o nome direito e já é supervisor... Vamos ver no que dá”. Aí mandaram eu subir. Quando eu cheguei lá, o gerente era o Luiz Geraldino, um paulista muito gente boa, decente. Ele disse: “Seu Luiz, aqui é o Paixão, meu amigo, vou mandar ele preencher uma ficha aqui para trabalhar comigo”. Então ele me deu a ficha,

No dia da entrevista, seu Paixão foi almoçar mais cedo, fechou a banca e ficou esperando a produção na banca vizinha.

eu preenchi tudo e disse que me procurava. E aí eu vim embora. Quando chegou no final de semana, ele me procurou e disse: “Quando for segunda-feira, tu dá baixa aí e leva seus documentos, que você vai trabalhar comigo lá”. Eu aceitei e, na mesma hora, falei com meu patrão que não iria mais. Eles ficaram sem entender, me pediram para ficar, mas deu certo. Seu Pedro Jorge, seu Calmi, gente muito boa, deram baixa na carteira e eu levei. Lá eu comecei fazendo uma espécie de um estágio, três meses. Ele me deu um setor, porque lá se atua por setor. Então, na época tinham cinco vendedores, e ele abriu um setor para mim. Ele promoveu os outros e eu fiquei no “barra três”. A Niasi tinha de tudo: esmalte, linha completa de perfumaria, inclusive foram vítimas desse processo da Lava Jato. Então eu peguei o setor, fazia pelo Jardim América, tudo, foi bem no período da quadra invernal, janeiro de 84. Peguei água na canela ali, pelo Montese, mas fui para vender. Chegava e fazia logo amizade. A mercadoria era muito boa de vender, porque eram bons produtos, e nós trabalhávamos por cotas, havia cota mensal, bimestral... E eu fechei a cota do trimestre. As lojas de departamentos, quem atendia era o supervisor e o gerente. A Brasileiras (conhecida popularmente como Lobrás, uma loja de departamento que foi à falência em 1999), Americanas (rede do segmento de varejo de diversos produtos, localizada na Rua Barão do Rio Branco, 922), Mesbla (loja francesa especializada em máquinas e equipamentos, inaugurada em Fortaleza em 1970, passando a ter sede na Rua General Sampaio e na Rua Barão do Rio Branco, em 1974; fechou em 1999), Vesil (loja de cosméticos, localizada na Rua General Sampaio, 836), Parente (loja de cosméticos e artigos de cama, mesa e banho, fundada em Fortaleza em 1914, no antigo casarão Gradwohl, onde mais tarde foi construído o edifício Excelsior, no Centro), menos o Romcy (uma grande rede de lojas de departamento, falida em 1993, suas antigas lojas localizadas no Centro estão todas ocupadas, duas na Rua Barão do Rio Branco e uma do Parque das Crianças), que era da parte do atacado... Depois do trimestre, ele me chamou para conversar com o seu Luiz e me fez uma oferta. Ele disse: “Olha, não temos mais tempo de visitar essa área aqui, porque a empresa tá crescendo; precisamos colocar um vendedor, é um setor delicado. Se você se der bem, vai ganhar dinheiro; se não se der bem, perde o emprego. Se quiser, é teu; se não quiser, eu ofereço para outro. Por sua conta e risco, você quer?”. E eu

“Porque a pedir eu não tenho quase nada, eu tenho muito a agradecer”

quis. A primeira visita eu fiz com ele, onde ele me apresentou o pessoal das lojas. No primeiro pedido que eu recebi na Americanas, ganhei mais dinheiro que nos três meses no outro setor que eu estava. Nós ganhávamos um salário e 3% nas vendas, então eu comecei a ganhar mais e não gastava tudo. Logo em seguida eu casei com a Dalva. Eu comecei em janeiro de 1984, e nós casamos em dezembro de 1984. Antes ela era do banco e eu do outro emprego, e ela ganhava mais do que eu, e eu não queria casar com uma mulher que ganhasse mais do que eu. Então, quando eu passei a ganhar mais do que ela, aí eu pensei: “Ah, agora eu posso casar”. E foi muito rápido para noivar e casar. Então, depois que nós casamos, eu continuei na Niasi e nós fomos morar de aluguel lá na (Avenida) Duque de Caxias, atrás da Igreja Coração de Jesus, no Edifício Isaque Pontes. Eu já tinha aprendido a lição do carro, porque eu tinha gasto tudo, então dessa vez eu já sabia que iria gastar o necessário e guardar uma parte também. Comprei um apartamento à vista, depois comprei um sítio na Caucaia para a mamãe criar galinha, porco. Levei meus pais para lá e eles passaram 20 anos, então o papai começou a ter problemas relacionados a diabetes, uma doença que a gente pensa que não, mas é seríssima. Ele precisou amputar o pé, a perna e depois veio a falecer. Comprei esse apartamento que eu moro hoje, ali na (Avenida) Filomeno Gomes.

Sâmia – E como foi que o senhor decidiu comprar a banca?

Seu Paixão – Em 1996 houve uma transformação na Niasi. O presidente morreu e algumas coisas mudaram. Eles começaram a colocar salário fixo e, como eles não podiam diminuir os salários, começaram a dispensar o pessoal que tava comissionado, então foi todo mundo (embora). Recebi a indenização, tudo direitinho. O rapaz da loja Parente, o João e o Valdeci, até me convidou para trabalhar na loja. Eu disse: “Não, Valdeci, não vou, não, vou comprar uma banca de revista”. Quando eu decidi comprar mesmo, a mulher quase não deixou, falou que eu tava ficando doido, tava ficando doido, tava ficando doido... Mas eu comprei a banca. Comprei ao

A entrevista foi marcada para às 14h30. Seu Paixão usou camisa listrada, bermuda, chinelo e chapéu.

Antes das perguntas começarem, seu Paixão pediu um momento para desligar o celular, para que ninguém interrompesse a entrevista.

A produção estava temerosa, achando que o entrevistado poderia não ficar à vontade pelo fato de a entrevista acontecer no auditório em vez de ser na banca do Paixão.

Lira, dono do Siqueira Clube (casa noturna de espetáculos e festas de Fortaleza). Paguei 35 ou 38 mil reais pela banca. E fiquei lá.

Ícaro – Mas quais foram as motivações para o senhor comprar a banca?

Seu Paixão – Rapaz, é porque eu adoro a Praça do Ferreira, eu não gosto de sair da Praça do Ferreira. Inclusive, na Niazi, quando terminava o expediente, eu vinha direto para a Praça do Ferreira.

Ícaro – Mas essa escolha teve alguma relação com o seu primeiro contato com a banca do seu amigo?

Seu Paixão – Exatamente, com a banca do Bodinho. Só que não comprei a banca do Bodinho, era a vizinha, né?! Porque o Bodinho não vendia a dele, então eu comprei a vizinha, a do Lira. Virei o concorrente (todos riem).

Sâmia – Mas o senhor pensou em comprar a banca dele?

Seu Paixão – Não comprei porque ele não vendia (risos).

Sâmia – Como foi administrar a sua banca, sozinho?

Seu Paixão – No início eu trouxe um sobrinho meu para trabalhar comigo, hoje ele é motorista de ônibus aí.

Ícaro – O senhor acha que essas bancas viraram dois pólos, um do Fortaleza e outro do Ceará, já que vocês torciam para times diferentes, ou não tem nenhuma relação?

Seu Paixão – Ah, ficou bom por causa disso, tinha as duas torcidas, né?! Mas nós sempre nos demos muito bem, foi um período muito bom. Lamentável, talvez o Bodinho estivesse vivo hoje se não tivesse arrendado a banca. Ele não vendeu a banca, ele alugou, e toda tarde ele vinha e ficava em frente, na farmácia, olhando a banca, então pegou uma depressão. Não queria mais atender telefone... E acabou falecendo.

Alexandre – Mas ele explicou porque ele quis arrendar ao invés de continuar, já que ele parecia gostar?

Seu Paixão – Olha, ele nunca fechava essa banca, era sábado, domingo e dia santo, feriado, Carnaval, Sexta-Feira da Paixão, direto... E o doutor Cid Carvalho (advogado, professor, jornalista, radialista e senador pelo Ceará de 1987 a 1995, nascido em 1935) e o Reinaldo Fontenelle deram corda para ele, para ele ganhar o Sereia de Ouro (troféu oferecido anualmente a quatro cidadãos que se destacaram na contribuição ao desenvol-

“(...) talvez o Bodinho estivesse vivo hoje se não tivesse arrendado a banca. Ele (...) alugou e toda tarde ele vinha e ficava em frente, na farmácia, olhando a banca, então pegou uma depressão”



Seu Paixão tomou apenas um gole de água durante toda a entrevista.



Ao chegar ao local onde seria a entrevista, seu Paixão cumprimentou todos que lá estavam com um aperto de mão.

“Nós (donos de banca) não sofremos repressão (durante a Ditadura Militar), mas era muito vigiado. (...) A gente não podia comentar, falar que era ou que não era, tinha que ficar na nossa lá”

vimento do Ceará, idealizado desde 1971 pelo grupo Edson Queiroz), e ele acabou criando expectativas de ganhar o Sereia de Ouro, mas nunca conseguiu ganhar. Então ele se chateou e quis arrendar a banca. E arrendou e pronto.

Ícaro – Eu tenho uma dúvida: quando o senhor veio para cá em 63, 64...

Seu Paixão – 63.

Ícaro – Aí o senhor começou a trabalhar com o Bodinho também na banca dele, e o senhor falou que vocês recebiam muitos jornais e geralmente saíam (eram vendidos) muito rapidamente. Durante esse mesmo período, a gente também sofreu o Regime Militar (1964-1984). Existe alguma situação que aconteceu, já que vocês trabalhavam com jornal, com comunicação? Vocês sofreram algum tipo de repressão na época?

Seu Paixão – Olha, nós não sofremos repressão, mas era muito vigiado. Então sempre, sempre, sempre tinha, principalmente o pessoal que lê o Última Hora, que era um pessoal de esquerda, tinha tendência de esquerda, inclusive o Edmundo Maia, que é pai do Fernando Maia, foi perseguido, foi

preso, foi tudo, é ele o representante do Última Hora aqui no estado do Ceará. E nós não, porque nós éramos apenas quem vendia, mas era muito vigiado. A gente não podia comentar, falar que era ou que não era, tinha que ficar na nossa lá.

Ícaro – Algum produto foi proibido de ser vendido?

Seu Paixão – Vários.

Ícaro – O senhor pode citar alguns?

Seu Paixão – O Última Hora, por exemplo... Era um produto que era de esquerda, né?! Muitos, muitas coisas, a gente ficava ali numa tensão danada, mas, pra nós, não tivemos nada assim pessoal com o Exército, não, sabe? Forças Armadas... Muito pelo contrário, tinha o general Assis Bezerra, era nosso cliente, tinham vários coronéis, o capitão Valdir, capitão Aécio, muitos militares que eram cliente da gente. Aí depois, quando prenderam os cabeças do Última Hora, ficou mais maneiro.

Heloísa – E como eram as vendas nessa época? O senhor conseguia vender mais ou menos?

Seu Paixão – Vendia muito, muito, muito... Você chegava com 1200 (exem-

Na banca, há diversos porta-retratos com fotos de seu Paixão e seus amigos e outras em estádios.

A produção foi à banca fazer o convite duas vezes. Na primeira, seu Paixão não estava, pois tinha ido ao médico.



plares do) Última Hora e, chegava meia-noite, o avião chegava no aeroporto mais ou menos 11 horas, descarregava e chegava no Abrigo (Central) mais ou menos 12 horas. Uma hora da madrugada, de manhã cedo, não tinha mais jornal, não. Também tinha o jornaleiro que pegava e ia vender na (Avenida) Beira Mar, porque não tinha banca nos bairros, era tudo no Centro.

Heloísa – Mas, durante o período da Ditadura, não teve nenhuma influência nisso?

Seu Paixão – Bom, aí depois as vendas começaram a cair, cair, cair... E entrou “as internets”, agora pronto, praticamente a venda de jornal, hoje, não existe.

Andressa – Mas, em 90, ainda tinha um fluxo bom de venda?

Seu Paixão – Tinha, tinha, tinha... Vendia muito... O Cruzeiro, Manchete, Fatos e Fotos, Realidade, aí depois que veio Veja, Época... Vendia muito, era um tempo muito bom, ganhava muito dinheiro com revista, hoje não se ganha mais, não, hoje o que vende mais é recarga para celular, é bombom (risos), cigarro... Revista é o que vende menos.

Ícaro – O senhor acha que a popularização da televisão contribuiu também?

Seu Paixão – Também, também. Ó, o professor Marcelo, da Unifor, tá até aposentado agora, aposentou-se, e olha que na Unifor (Universidade de Fortaleza) estuda gente de classe média alta, né?! Não é igual à UFC, que tem gente mais... E ele fez uma enquete na classe dele, de 40 alunos, perguntando quem tinha lido o jornal do dia. Simplesmente ninguém tinha lido o jornal do dia. Ninguém

leu o jornal, em uma classe de 40 alunos, para você ter uma idéia de como é. Hoje você lê o jornal no aplicativo, lê aqui, né (aponta para os celulares), mas ainda tem aqueles, assim, que gostam de pegar no jornal, de sentir o cheiro da tinta... Ainda tem esse tipo de gente.

Andressa – O senhor guarda esse hábito de ler jornal, ainda?

Seu Paixão – Eu tenho, tenho, sim, o hábito de ler o jornal, todo dia eu passo (folheio). Eu não leio todo porque a televisão praticamente já dá o jornal todo do dia. Mas o que me interessa... Por exemplo: futebol, que tem sempre fato novo, acompanhar a tabela do Campeonato (Brasileiro), como é que tá a pontuação, aí eu vou folheando o jornal.

Ícaro – O senhor já pensou em ser jornalista?

Seu Paixão – Não! Não, não, porque eu não estudei para isso... Eu fiz só o primário, aí não estudei para isso...

[...]

Sâmia – A sua banca foi o seu primeiro negócio, né?

Seu Paixão – Meu mesmo foi, sim.

Sâmia – Então como foi para o senhor tocar o seu próprio negócio?

Seu Paixão – Ah, é como diz o matuto: “Eu já tava com os burros amarrados na sombra”, foi mais para passar o tempo... Hoje eu uso mais como um passatempo, tanto é que eu chego aí nove horas da manhã, agora, porque antes eu chegava mais cedo. Depois que eu me aposentei, eu estou so-

Quando pegaram o elevador para o auditório da Secult, no 6º andar, a produção quase sobe sem o entrevistado, pois ele abriu espaço para uma moça passar e as portas foram se fechando.

mente mais como passatempo. E para conversar com os amigos. Sempre que passa, tem amigo lá. Por exemplo, o Carlinhos. O Carlinhos é titular absoluto (risos), é mais fácil eu não vir do que ele (não vir). Então todo dia tem um cafezinho, tem uma aguanzinha gelada. Elas (Beatriz e Suzana, equipe de produção desta entrevista) vão lá, mas não tomam (café), mas vocês que tomam, se quiserem ir, podem ir por lá, todo dia tem, né?! E quem paga o café é o Carlinhos, ele é o patrocinador. Ele faz questão de pagar o café, todo dia compra uma garrafa de café. E sempre tem o professor Fabiano, vocês conhecem? Professor da Faculdade de Direito. (Tem) o doutor Marcos de Holanda, que tá todo dia lá; e tem, como já falei, o Pacoti, Carlinhos, aqueles médicos de Baturité... Então todo dia nunca falta gente para tá com a gente, não. Dificilmente eu tô sozinho lá, dificilmente, sempre tem alguém.

Sâmia – O senhor escolheu comprar a banca pela Praça, né?

Seu Paixão – É, pela Praça.

Sâmia – E morar perto do Centro também foi uma escolha ou foi só por acaso?

Seu Paixão – Não, foi por escolha mesmo. Sempre no Centro e perto da mamãe. Porque, daqui para a mamãe, é bem pertinho, você vai até a pé se quiser, é só descer ali a (Rua) Filomeno Gomes, subir na Marinha, 11 metros eu estou na casa dela, é pertinho.

Larissa – Seu Paixão, o senhor fala muito das ruas, o senhor fala percursos e tal... O senhor é acostumado a andar a pé em Fortaleza? Até hoje, ainda?

Seu Paixão – Até hoje, eu gosto muito de andar a pé.

Larissa – E o que o senhor vê nessas andanças, o que o senhor presencia?

Seu Paixão – Olha, eu gosto mesmo de ver o que foi que mudou, as mudanças. Antigamente não, mas hoje eu vejo muitas lojas fechadas, “ah, olha, isso aqui era antigamente aquilo”, a gente para para ver a diferença das coisas. Antigamente, você não via aqui, no Centro, praticamente nenhum prédio para alugar ou para vender, eram todos ocupados. Hoje você vê que tem muitos prédios vazios. Então, não sei se é por conta do aluguel ou (porque há) muita gente que os filhos não deram continuidade, que acontece, né?! Por exemplo, o pessoal que trabalha ao lado do Mercado dos Atacadistas, que poucos dão continuidade ao que os velhos tinham, né. Sempre os filhos são formados, uns são médicos, outros advogados, outros dentistas, outros jornalistas, então eles mudam de profissão.

Andressa – E esse esvaziamento entristece o senhor de alguma forma?

Seu Paixão – Muito, muito. Não tem coisa pior de ver aqui do que esse (Cineteatro) São Luiz fechado. Agora que abriu, recentemente, mas dava uma tristeza passar e ver um cinema desse fechado; um hotel desse aqui vazio, o Savannah (hotel de luxo inaugurado em 1964, falido em 1992 e abandonado até 2013), ainda bem que agora tem uma universidade aí (Faculdade Joaquim Nabuco). O próprio edifício Sul América (inaugurado em 1953) funciona pouca coisa hoje. Então, dá sim, um aperto sim.

Lorena – E como a reabertura do Cine São Luiz (foi fechado em 2010 para restauração e reaberto em 2014) mudou na Praça?

Seu Paixão – Olha, melhorou, melhorou um pouco, mas poderia ser melhor. Você vê que a programação é ótima, excelente a programação do São Luiz. Nessa agora, da Semana da Criança, você vê as crianças desses colégios... O problema é à noite... Já pensou você ver um show da ngela Maria (cantora e atriz remanescente da Era do Rádio) por 40 reais o ingresso? Quer dizer, preço de banana, e pouca gente veio porque era à noite.

Ícaro – A insegurança aqui é muito forte, ainda, pela noite?

Seu Paixão – A noite praticamente não tem, muito fraca a segurança à noite. Eu, pelo menos, não venho à noite, até porque eu tenho medo.

Lorena – A partir de que momento o senhor decidiu parar de abrir a banca à noite e fechar duas horas da tarde?

Seu Paixão – Olha, nós tínhamos a turma que, dia de sexta-feira, nós ficávamos lá até uma ou duas (horas) da manhã, ficava lá assim, bebendo. Eu; o rapaz do cartório, Francivaldo; o coronel Júlio César, que é muito amigo da gente; doutor Iraguassu; doutor Vládio Pompeu; doutor Euler Pontes, que morreu há uns dois meses; e só gente boa que ficava até mais ou menos uma (hora) da madrugada. As esposas sempre estavam aqui. O L’Escale (lancheonete, self service e boteco, possui oito sedes, sendo uma em frente à Praça do Ferreira, na Rua Floriano Peixoto, 586) ficava aberto até tarde também. Aí, um belo dia, numa sexta-feira, a minha esposa ouviu um grito bem aqui, em frente à Ban Ban (loja de calçados, localizada na Rua Major Facundo, 611), e de repente chegou um cidadão em frente à banca com a faca escorrendo sangue ainda, e outro chegou e disse: “Rapaz, você matou o fulano?”. E ele respondeu: “Rapaz, eu matei. Ele disse que ia dar na minha cara, eu matei”. Morador de rua, né... Aí, a partir daí, fechei a banca e falei pro coronel: “Coronel, vamos encerrar”. Ele ainda quis ficar, mas

A entrevista durou uma hora e 58 minutos. A entrevista terminou quase às 17h30, e seu Paixão disse que não faria sua caminhada naquele dia.

No dia da entrevista, seu Paixão disse que iria assistir ao jogo do Ceará contra o Figueirense, na sexta-feira (20 de outubro de 2017); a partida terminou em um empate de 2 a 2.

Quando a pré-entrevista foi encerrada, seu Paixão convidou as duas produtoras para almoçar, mas infelizmente elas tinham que voltar para a UFC.

não dava mais certo, não. Resolvemos acabar. Então agora eu fecho mais cedo. Mas depois disso já houve muitos crimes, já devem ter havido mais de 20 crimes à noite. É porque não divulgam.

Beatriz – Mas aí, seu Paixão, o senhor falou que conheceu bastante gente pelo Brasil, porque o senhor viajava para assistir aos jogos do Ceará...

Seu Paixão – Os jogos do Ceará... Aqui, o Norte e Nordeste, eu conheço quase tudo. Pelo Sul, eu só fui três vezes a São Paulo e foi através da Niasi.

Beatriz – Mas o senhor acompanhava todos os jogos?

Seu Paixão – Todos os jogos. Era cadeira cativa, mais fácil faltar o goleiro do que eu.

Fabício – E qual o lugar mais longe para onde o senhor foi para assistir ao jogo do Ceará?

Seu Paixão – Por terra, Salvador. Várias vezes a Salvador. São Luís, Teresina, Natal, Maceió, Paraíba, a gente ia. De avião foi Rio [de Janeiro] e São Paulo.

Lorena – Teve algum jogo que marcou mais que os outros?

Seu Paixão – Ainda hoje eu não esqueço o jogo do tricampeonato do Ceará, em 1963. O Ceará perdia para o Ferroviário de 2 a 1 e virou para 3 a 2. E um jogo contra o Remo, em 1969: o Ceará perdia o jogo de 2 a 0 pro Remo, em Belém; nos últimos cinco minutos, fez três gols. E me chateei um pouco, até hoje, até deixei mais de ir, quando o Ceará perdeu o pentacampeonato para o Fortaleza (por um empate de 2x2 em 3 de maio de 2015 quando o Ceará precisava de uma vitória para ser campeão), aí fiquei tão chateado (risos) que até hoje... Amanhã eu vou ao jogo, a galera fica "Ô, Paixão, não vem mais ao jogo, não?!". Aí eu respondo: "Rapaz, é que o penta ainda não desceu, não". Tá enganado aqui ainda, me chateou bastante.

Beatriz – E o senhor viajava sozinho ou tinha uma turma? Como era?

Seu Paixão – Não, a gente fretava um ônibus, fretava topique, dependia da quantidade de gente que fosse.

Sâmia – E quem geralmente ia nessas caravanas aí?

Seu Paixão – A maioria desses que eu citei aqui, todos eles iam, e o pessoal que trabalhava aqui, nos comércios, nos cartórios, comerciante mesmo, gente nossa aqui mesmo. Você sabe que futebol hoje é popular, né, hoje tá mais caro, mas antigamente era mais povão. Hoje futebol tá mais elitizado, tanto é que você vai no estádio hoje e o público feminino hoje tá pau a pau com o masculino. Antigamente não, ninguém le-

vava criança, muito difícil. Hoje não, a gente vê família no estádio... E se não fosse a torcida organizada, que só vai mais para bagunçar, brigar, quebrar carro, depredar e tudo, com certeza daria muito mais.

Lorena – Vocês organizavam essas caravanas com que frequência?

Seu Paixão – Mais em final de semana, os grandes jogos... Quando ia jogar fora, por exemplo: Quixadá, quase todo mês tinha Quixadá; Sobral, Juazeiro [do Norte]... Mas só ia final de semana. Semana não ia, não, porque todo mundo trabalha, né, aí não dava para ir, mas fim de semana era muito difícil a gente estar aqui, tava sempre com o Ceará.

Ítalo – Seu Paixão, a revista que vai ter esta entrevista vai ser lançada a daqui, mais ou menos, um ano. Qual a situação em que o senhor espera que o Ceará esteja daqui a um ano?

Seu Paixão – Rapaz, eu quero ele na série A! (risos) Quero que ele suba esse ano e se sustente. E que nós todos estejamos vivos, né?! (risos)

Fabício – O senhor está satisfeito com a atuação do Ceará?

Seu Paixão – Ah, satisfeítíssimo! Nesse ano só depende de nós para poder subir, é só ler a cartilha do Givanildo (José de Oliveira, técnico do Ceará), fazer o dever de casa, porque nós temos exatamente, matematicamente, (estamos) a três vitórias, porque dizem que (com) 63 pontos entra, então nós estamos com 54, então três vitórias dá 63, mas ele tem quatro jogos em casa, com quatro jogos em casa dá para fazer 66. Então não depende de ninguém, ainda tem mais quatro jogos fora, tem oito jogos para fazer metade da pontuação... Acredito eu que dá!

Beatriz – Sempre acredita, né?! (risos)

Seu Paixão – Sempre acredito, sempre é bom acreditar... Acredito sempre. Eu sou muito otimista, eu gosto de ser otimista.

Sâmia – O senhor é aquele torcedor que acompanha, que tá lá, que sabe do time, ia ver os jogos e tudo... E como foi nessas caravanas ou na vida, o senhor já chegou a conhecer os jogadores, a ter esse contato mais direto com os diretores, presidente do clube?

Seu Paixão – Olha, eu tenho, sim, tenho contato. Com os jogadores atuais tenho muito pouco, mas ex-jogador tenho (contato com) vários... Esse pessoal que joga hoje, a maioria é de fora, esses ex são todos cearenses. Mas o presidente; o (Raimundo) Pinheiro; o Marquinhos, que é filho do ex-presidente, o deputado Franzé Moraes, que também faz parte da diretoria; o Evandro

No dia da entrevista, os semáforos da Avenida Bezerra de Menezes estavam quebrados. Suzana ficou presa no trânsito e achava que não chegaria a tempo.

Leitão, um ex-presidente que vem sempre aqui na banca; o doutor Castelo, que também foi diretor; doutor Barreto, que também foi diretor; doutor Euler Pontes, que foi presidente recentemente; Elísio Serra, que foi presidente; o doutor Fernando Façanha; e o seu Alaô, o deputado Albuquerque; então sempre eu tenho contato com esse pessoal de diretoria do Ceará, porque sempre nas eleições eu vou votar, sabe?! Que o sócio proprietário vota nas eleições. E outra também: a nossa banca, aqui, é um ponto de referência e é um ponto de apoio do Ceará. As coisas do Ceará, eu vendo lá. Eu recebo esses cupons fiscais do Ceará, o pessoal lá divulga e o pessoal vem deixar aí, inclusive o Ceará tá fazendo um ginásio, e vocês podem ver a condição lá, a grande contribuição é essas notas fiscais, que o Ceará recebe um percentual de 0.6 por cento sobre o valor das notas. E a gente recebe, e quando tem uma quantidade, eu ligo lá pra Raquel e ela manda pegar na banca, né?! Então a nossa banca é um ponto de referência para o Ceará, e a gente faz uma parceria, né? Isso em troca de nada, só pelo amor que eu tenho pelo Ceará.

Ícaro – Seu Paixão, os seus quatro filhos torcem Ceará também, só que seus netos, alguns deles pulou para o outro lado?

Seu Paixão – Para falar a verdade, os três (filhos)... Um mesmo torce, mas não são de ir ao estádio. E essa, a que nós adotamos, é Fortaleza, que casou com um rapaz que torce Fortaleza, e o neto que nasceu... É porque neto não é do sangue, mas é do nome... É Fortaleza, mas já o do Cláudio tem duas

meninas que são Ceará. Então, eu não posso fazer nada, democracia, né? (risos)

Beatriz – Seu Paixão, e o senhor conseguiu comprar a ação (de acionista do time) em 1971, foi?

Seu Paixão – Foi... Terminei de pagar... Eu comprei em 30 vezes, porque eu praticamente paguei por três anos.

Beatriz – 30 vezes de quanto?

Seu Paixão – Foi assim: 10 de 8 (cruzeiros), 10 de 10 (cruzeiros) e 10 de 12 (cruzeiros). 30 vezes... Foi progressivo, né? Comecei em 68 e terminei em 71.

Beatriz – E em 71 o Ceará foi campeão estadual, estou certa?

Seu Paixão – Está certa, quebrou o jejum de sete anos. Porque o Ceará foi tricampeão em 61, 62, 63... Naquele tempo, (o Ceará) estava com um time muito bom. Aí começou a apanhar em 64, 65, 66, 67, 68, 69 e 70. Aí veio voltar a ser campeão

“(Eu acompanhava) todos os jogos (do Ceará). Era cadeira cativa. Mais fácil faltar o goleiro do que eu”

No horário do almoço, Beatriz, Lorena e Fabrício conversavam apreensivos sobre a pauta e sobre a última semana da novela A Força do Querer, exibida entre 3 de abril e 20 de outubro de 2017.



A Secult foi bastante receptiva e disponibilizou café durante a entrevista; os alunos adoraram.

O fotógrafo escolhido para registrar a entrevista foi Felipe Mendes, então no 4º semestre, por sua competência, atenção e comprometimento.

“Graças a Deus, eu tenho apartamento, eu tenho carro, eu tenho saúde, eu não tenho do que reclamar... Enricar eu não vou mais, mas, para morrer pobre, o que eu tenho tá bom demais”

em 71, com o gol do Vítor, no fim do jogo, que o Fortaleza quebrou o estádio quase todo, derrubou muro, arrancou trave, tudo. (Eu) estava lá assistindo.

Beatriz – E o senhor acha que o senhor deu sorte para o time, porque foi justamente o ano em que o senhor terminou de pagar a ação?

Seu Paixão – Olha, eu me sinto uma pessoa sortuda, eu sempre dou sorte para as coisas que eu faço, eu não gosto de pessimismo, eu tenho esse otimismo. Eu sou sortudo, graças a Deus. Como eu digo sempre, o povo chega (e diz:) “Seu paixão, e aí, tá ganhando quanto na banca?”. E eu digo: “Rapaz, é o seguinte: quando eu cheguei aqui, de Baturité, eu trouxe o quê? Um par de chinela japonesa, três calças e quatro camisas, foi como eu cheguei aqui em Fortaleza. Duas calças normal e uma da farda do grupo e quatro camisas, três normal e uma da farda do grupo. Hoje, graças a Deus, eu tenho apartamento, eu tenho carro, eu tenho saúde, eu não tenho do que reclamar... Enricar eu não vou mais, mas, para morrer pobre, o que eu tenho tá bom demais. E ajudo lá em casa, continuo ajudando lá em casa a minha mãe, minhas irmãs, meus irmãos, meus meninos quando precisam de alguma coisa, eu ajudo a eles também... E aí tá dando para levar.

Sâmia – O senhor citou os trabalhos que faz por amor ao Ceará. Qual foi a maior prova de amor que o senhor já fez pelo seu time?

Seu Paixão – Bom, prova de amor que eu fiz pelo Ceará... Uma promessa, uma promessa de ir para Canindé se o Ceará subisse naquela época para a série A (do Campeonato Brasileiro). Aí nós fomos para Canindé, fretei uma topique e nós fomos para Canindé.

Alexandre – Em que ano?

Seu Paixão – 2009, quando o Ceará subiu. E esse ano (de 2017) não fiz a promessa, não, mas nós vamos acreditar.

Ítalo – Dá tempo... (risos)

Ícaro – Mas o senhor se acha um homem religioso?

Seu Paixão – Eu sou religioso, mas não sou aqueles que está na igreja todo dia, não, mas eu sou católico apostólico romano desde

pequeno, mas não sou assim de toda semana ir à igreja e tal, eu vou assim... Esporadicamente. Mas sou católico, sim, graças a Deus. Minha mulher não, ela já é mais beata, devota de Padre Cícero.

Lorena – E como foi essa história de o senhor ser convidado para ser vereador?

Seu Paixão – Na época, o deputado Paulino Rocha era o comentarista campeão de audiência aqui, no rádio... Ele trabalhou na (Rádio) Dragão do Mar, mas na época ele tava na (Rádio) Assunção. E ele, deputado, ia partir para a reeleição, aí ele, dia de sábado, chegou e me convidou para compor a chapa dele como um dos vereadores, aí eu digo: “Não, deputado, eu não sou político, não nasci para ser político”. Inclusive o deputado Wilson Machado, ele já agora, depois dessa marmota que esses deputados, esses políticos fazem, ele chegava para comprar palavra cruzada, aí eu dizia: “Deputado, como o senhor tá?”. Ele respondia: “Chico, não me chame de deputado, que eu tenho vergonha desse nome”. Quer dizer, ele foi deputado por quatro ou cinco mandatos e tinha vergonha do nome “deputado”, que hoje você vê essa baixaria aí (contexto político nacional atual), eu acho isso uma baixaria. Eu não nasci para ser político, não.

Larissa – O senhor foi convidado para ser vereador pela sua popularidade. O senhor se considera uma pessoa famosa no Centro de Fortaleza?

Seu Paixão – Bom, “famosa” eu não digo tanto, não, mas eu tenho muitas amizades aqui, no Centro da cidade. Porque “famoso” eu digo assim: não sei nem dizer o que é a fama.

Larissa – Porque o Senhor é uma referência.

Seu Paixão – “Referência” tudo bem, inclusive o pessoal que pergunta onde é que fica as Casas Bahia (rede de loja de móveis e eletrodomésticos do Brasil, localizada na rua General Sampaio, 724), aí dizem que é em frente à banca do Paixão; onde é que fica a Casa Blanca (loja de tecidos de Fortaleza, localizada na rua Major Facundo, 182), é em frente à banca do Paixão. Então é uma referência, sim.

A primeira edição da entrevista foi finalizada no dia 2 de novembro, feriado de finados.

Suzana – Seu Paixão, teve uma época em que o senhor quase vendia a banca, não é?

Seu Paixão – Foi, foi verdade.

Suzana – E começaram os protestos para o senhor não vender, compraram até um frigorífico para o senhor...

Seu Paixão – Foi porque eu me aborreci porque a banca foi arrombada umas três vezes assim, seguidamente, uma baderna, roubada três vezes seguidamente, aí eu me chateei e disse para o delegado: “Rapaz, eu vou vender a banca”. O primeiro a pular foi o Carlinhos: “Não, não pode vender isso aqui, não”. E eu já tinha recebido até a proposta, já estava praticamente fechado, quando meu menino chegou e disse: “Pai, o senhor vai vender a banca por quê?”. Eu disse que tinha me chateado. Ele me perguntou se eu estava precisando de dinheiro, e eu disse que não, aí ele me perguntou o que eu ia fazer com o dinheiro, e eu disse que nada, ia só colocar no banco. Ele perguntou o que ia fazer agora (depois da venda), e eu disse que não ia mais fazer nada e também não queria mais trabalhar com a distribuidora, já estava aborrecido. E ele disse: “Faça o seguinte: acabe com a distribuidora e o senhor vem quando quiser e pronto, não é obrigado o senhor vir todo dia”. E eu vi que era uma boa ideia mesmo. Na época, se eu não tivesse sossegado, eu tinha vendido e com certeza eu estaria morto de arrependido, com certeza.

Suzana – O Senhor acha que teria acontecido com o senhor a mesma coisa que aconteceu com o Bodinho?

Seu Paixão – Provavelmente, só que talvez eu não ficasse com depressão, mas eu tenho certeza que ia beber mais, eu ia ser talvez, quem sabe, até alcoólatra, quem sabe, né?

Heloísa – O que significa hoje a banca para o senhor?

Seu Paixão – A banca? Significa tudo, tudo. Só saio daí agora quando for para o (cemitério) Jardim Metropolitano, o apartamento está comprado já (risos). Daí vivo eu não saio mais, não, porque aí é bom, é prazeroso a gente estar aí. Você chega lá: “Ô, seu Paixão, eu quero falar com o senhor”, aí chega outro e fala “Oi, seu Paixão” e tal, uns falam de mulher, uns chegam para brincar: “Ê, Paixão, seu time perdeu, não vai subir”, aquela brincadeira sadia, boa... E o tempo passa rápido.

Ícaro – O senhor não pensa em voltar para o interior, não é?

Seu Paixão – Não, aí mais não. Mas eu vou sempre ao interior, todo mês eu vou ao interior, então no outro sábado eu vou novamente a Baturité, meu menino trabalha no

interior e ele vai trabalhar lá, ele tem uns contratos e tem que ir todo mês, é pra fazer manutenção, então ele vai e eu fico lá na cidade e ele sobe para o Jesuíta.

Ícaro – Mas para morar não mais?

Seu Paixão – Não, para morar não. Não, porque tudo nosso é aqui, então nós vamos só passear e voltar.

Ícaro – A cidade mudou muito lá, em Baturité?

Seu Paixão – Rapaz, não é que mudou muito, porque Baturité não tem muito para onde crescer. Baturité é ali, é pé de serra, né, cresceu muito foi as serras de Pacoti, Guaramiranga, Aratuba, Mulungu (cidades acima do município de Baturité, que fica no pé da serra), cresceu muito, mas Baturité mesmo é a mesma cor, a mesma coisa, porque não tem para onde crescer. Se você for para um lado, é um rio; para o outro, é um rio; e subir a serra, a terra está crescendo mais para o lado de Aracoiaba, a terra do (cantor Wesley) Safadão (risos). Tá crescendo mais para o interior. Eu não pretendo mais voltar, não. Logo (que) a gente tem problema de saúde, né, a gente tem que estar com os médicos aqui, aqui tem tudo e lá já é mais difícil...

Suzana – Pois é, seu Paixão, seu pai morreu por causa da diabetes, né, e o senhor também tem diabetes. Como foi que o senhor descobriu?

Seu Paixão – Exatamente quando ele cortou a perna, né. Ele cortou a perna, aí eu fui ver como é que tava, fui fazer um check up, então acusou também. Em 2000 e... Em 2009, no tempo que eu fiz, tava com problema, conversando com o doutor Iraguassu (Teixeira), ele disse que ia falar com o doutor Carlos Alberto, que é especialista em diabetes, e disse pra se cuidar.

Lorena – O que isso mudou na sua vida?

Seu Paixão – Mudou tudo, tudo, tudo depois que ele me disse que o diabético é como peixe, morre pela boca. Ele disse que já descobriram cura para quase toda doença, inclusive para o câncer, mas a dia-

“(Quase vendi a banca) porque eu me aborreci, porque a banca foi arrombada umas três vezes. (...) Eu estaria morto de arrependido, com certeza”

A Banca do Paixão é repleta de imagens de dele em jogos do Ceará em diversas épocas.

Além das imagens dos jogos, as revistas mais atuais da banca também são do Ceará Sport Clube.

A pré-entrevista foi feita no horário de almoço. Ele convidou a equipe, que prometeu ir em outra oportunidade.

betes não tem cura e ela é uma doença silenciosa, que não dói, agora, quando ela ataca, ataca os pés, a vista, o rim, o coração, tudo o que você puder imaginar a diabetes lhe ataca, se não tiver cuidado com ela, se ela ataca... Aí eu me conscientizei. Por exemplo, eu era um cervejeiro nato, eu me sentava ali e, para beber duas caixas, três caixas de cerveja, era ligeiro. Ele proibiu, disse que evitasse bebida fermentada, que refrigerante é o melhor amigo da diabetes. Se quisesse beber, tinha que ser um uisque-zinho com água mineral com gás, nada de refrigerante. E é o que eu estou fazendo, e eu gostava de dia de sábado, domingo ir para o Mercado São Sebastião (equipamento público no Centro de Fortaleza, conhecido pela venda de gêneros alimentícios e artesanato) comer buchada, panelada, sarrabulho, mão de vaca, eu gostava de comer comida pesada. Agora não, agora é mais peixe, frango, verduras, frutas. Se eu não tivesse mudado, acho que não estaria contando a história, não. E outra: eu pesava 98 quilos, então eu fui me consultar uma vez com o doutor Carvalho, quando (eu) trabalhava na Niasi. Na Niasi, todo ano fazia aquele check up, o pessoal vai lá, levava um enfermeiro lá para medir pressão, ver como é que tava, então eu fui lá e disseram: "Olhe, seu Paixão, o senhor tá uma bomba-relógio, sua pressão está 18 por 14, só não vou suspender você agora porque você trabalha com venda e não pode deixar, mas procure um médico". Então ele me deu o nome dele e eu fui na (Rua) Padre Valdevino, lá em cima. Cheguei lá, ele me botou na balança, 98, quase 99 quilos, altura 1,64 (metros), e ele disse que a partir dali eu não podia mais comer nada do que eu gostava e nem beber cerveja, só podia comer arroz integral, pouquinho, uma saladinha de frutas e um peito de frango grelhado, só isso, se eu quisesse viver. Aí eu disse: "Mas, doutor, quando eu era pequeno, lá em Baturité, tinha as quermesses (festa realizada pela igreja em diversas épocas do ano, com o objetivo de arrecadar fundos), tinha um leilão que o pessoal arrematava frango, eu queria comer, mas não podia, não tinha dinheiro para comprar, agora hoje eu tenho dinheiro para comer e o senhor não quer deixar? Não faça isso, não, doutor". Aí ele disse que isso ficava a meu critério, e me passou a dieta desse jeito e passou a medicação. A cerveja eu abandonei logo, aí houve um aniversário do Zé Airton, que era um boêmio, a gente bebia muito juntos, e, quando terminou a festa, ficou só mesmo umas três mesas e seu Zé Airton disse: "Chico, vamos sentar ali com seu Chico Paiva". Estavam doutor

As fotos da Banca do Paixão, que ilustram esta entrevista, foram retiradas pelo nosso colega de turma Alexandre Valério.

Chico Paiva e doutor Mota Paiva. Ficamos lá e tal, e eu fiz uma pergunta pra ele: "Doutor Chico, eu fui no médico essa semana e ele me proibiu de tudo. Eu gosto de comer e beber de tudo. Ele disse que eu podia comer diet e light. Qual é a (alimentação) que eu como, tomo, o diet, o light? O senhor me indica algum?". E ele disse: "Seu Paixão, nenhum. Negócio de diet e light é frescura, invenção de americano para ganhar dinheiro. Evite o açúcar de tudo, agora de tudo você pode comer um pouco, agora é um pouco, porque demais tem hora que faz mal". Eu me conscientizei e hoje eu estou, ontem eu me pesei, estou com 81 quilos, mas eu estava realmente uma bomba-relógio. É porque eu fechei a boca. Se não fechar a boca, não vai, não. Esse negócio de "Ah, eu vou fazer uma dieta"... Se não fechar a boca, não resolve, não.

Lorena – Seu Paixão, o senhor sempre falou sobre a importância dos amigos na sua vida. Teve alguma amizade que teve mais relevância na sua vida do que as outras, mais importância, mais marcante?

Seu Paixão – Por exemplo, essa do rapaz (com) que eu tinha feito o negócio e, na época, dei um milhão (de cruzeiros) a ele... Então, se eu não tivesse dado esse um milhão a ele, ele não tinha me empregado. Ele, talvez, com esse dinheiro, cresceu e desapareceu, de repente eu tava ali como supervisor, ele me reconheceu e me deu a oportunidade de trabalhar na Niasi. Foi quando comecei, o que eu tenho hoje veio da Niasi. Com o dinheiro dela, eu comprei apartamento, comprei sítio, comprei carro, tudo com o dinheiro dela, então pra mim foi por causa disso aí, dessa amizade. Se eu não tivesse dado, eu teria perdido tudo que eu tenho hoje por causa de um milhão. Eu penso por aí, ficou claro?

Andressa – Só mais uma pergunta, seu Paixão: qual o nome da sua primeira esposa?

Seu Paixão – É Eunice, Maria Eunice, e essa (atual) é Maria Dalva. As Marias me acompanham, não tem jeito (risos), e as minhas duas netas são Maria Clara e Maria Cecília.

Heloísa – Quais são os planos que o senhor tem para o futuro, de agora em diante?

Seu Paixão – Olha, eu tenho... O plano que eu tenho é só saúde, pedir a Deus saúde, que Deus me dê saúde pra eu não depender de ninguém, viver até quando eu puder andar com os meus próprios pés. Daqui pra frente, só isso.

Delano – Algum dos seus filhos tem interesse na banca?

Seu Paixão – Tem não.

Delano – Se depois eles venderem, o senhor vai ficar triste?



Seu Paixão guarda em sua banca a Revista Entrevista que a equipe de produção lhe deu no primeiro encontro.

Seu Paixão – Depois, aí eu não. É diferente, eu não estando mais aqui, podem fazer o que quiser.

Delano – Podem vender?

Seu Paixão – Pode, mas eu acho que eles não vão vender, não, eu acho que não, mas isso é o tempo quem vai dizer. Porque o Marcos está em São Paulo. O negócio dele é ir pra fora. Acho que ele vai para um negócio de emprego na Alemanha, ele já esteve até lá e voltou. O Cláudio trabalha com elevador há muito tempo. A Cláudia, ela terminou administração e está trabalhando. A outra é casada e trabalha com o marido dela no Banco do Nordeste. Então, a não ser que seja um sobrinho, um neto, tenha uns sobrinhos que queiram ficar... Inclusive esse rapaz que trabalhou comigo, que trabalha na empresa Vega (empresa de transportes), ele foi assaltado um dia desses, porque quem trabalha como motorista de ônibus pode ser assaltado a qualquer momento. E, quando ele foi assaltado, ele ficou muito nervoso, disse que ia sair da empresa. Aí eu disse: “Rapaz, se você quiser sair, eu dou a banca para você”. Ele disse que ia pensar, pensar, pensar... De tanto pensar, um morreu de sede e o outro morreu de fome, num foi?! Não sabia se bebia ou se comia, aí ele não deu resposta mais, não. Mas, se ele quisesse, eu passava para ele, mas (mesmo assim) eu vinha para cá todo dia (risos). Todo dia eu tava aqui.

Sâmia – O senhor soube aproveitar as oportunidades que apareceram na sua vida,

né? Mas o senhor tem algum arrependimento, alguma coisa que faria diferente?

Seu Paixão – Não, eu só me arrependo das coisas que eu deixei de fazer, aí eu me arrependo (do que eu) podia ter feito. Digamos assim... Eu tive vontade, na época, de ir para Manaus de avião e descer de barco, e eu tive a oportunidade. Tava lá em Belém, passando umas férias da Niasi, aí o meu plano era esse: ter ido para Manaus e voltar de barco, e um amigo meu que também trabalhava na Niasi e eu tava com ele lá disse: “Não, Paixão, vamos deixar para as próximas férias...”. Aí na próxima não teve a próxima. Por isso que eu digo: só me arrependo das coisas que eu deixei de fazer, do resto não me arrependo, não.

Beatriz – O senhor disse que acha que já fez tudo na vida e só se arrepende do que deixou de fazer, mas o senhor ainda tem algum sonho, algum objetivo a realizar?

Seu Paixão – Não, como eu falei, né, eu só peço a Deus, agora, saúde. Porque a pedir eu não tenho quase nada, eu tenho muito a agradecer. Só pedir mesmo que Ele me dê saúde, dê à minha família e a todos vocês.

(alguns dizem “amém”)

Beatriz – Muito obrigada, seu Paixão, por esse tempo, essa conversa.

(todos batem palmas)

Seu Paixão – Precisando, eu estou às ordens lá (na banca), todo dia, o dia todo, a hora que vocês precisarem, de nove às duas horas da tarde.

Em 18 de novembro de 2017, exatamente um mês após a entrevista, o Ceará Sport Club conquistou o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro.